

CORPOS E PALAVRAS FERIDAS: A CAMPANHA #NÃOSECALE NA LUTA CONTRA VIOLÊNCIAS CORPORAIS E SEXUAIS INFANTIS

Submetido em: 31/3/2025

Aceito em: 3/3/2026

Publicado em: 4/8/2026

Joice Andressa Fritz Drefs¹

Maria Simone Vione Schwengber²

Maria Regina Johann³

PRE-PROOF

(as accepted)

Esta é uma versão preliminar e não editada de um manuscrito que foi aceito para publicação na Revista Contexto & Educação. Como um serviço aos nossos leitores, estamos disponibilizando esta versão inicial do manuscrito, conforme aceita. O manuscrito ainda passará por revisão, formatação e aprovação pelos autores antes de ser publicado em sua forma final.

<https://doi.org/10.21527/2179-1309.2026.123.17128>

RESUMO

Este artigo move-se pela aposta no enfrentamento das violências corporais e sexuais que vicejam sobre alguns corpos infantis brasileiros. Emerge, na contemporaneidade, um conjunto de campanhas digitais relativas à proteção das infâncias que produz certo reconhecimento das crianças como sujeitos de direitos corporais e sexuais. Assim, questionamos: Como a Campanha #NÃOSECALE, do Instituto Liberta, opera no enfrentamento das violências corporais e sexuais vivenciadas nas infâncias? O *corpus* analítico delimita-se em um combinado de imagens produzidas pela Campanha

¹ Universidade Regional do Noroeste do Estado do Rio Grande do Sul – Unijuí. Ijuí/RS, Brasil.

<https://orcid.org/0000-0002-5977-8277>

² Universidade Regional do Noroeste do Estado do Rio Grande do Sul – Unijuí. Ijuí/RS, Brasil.

<https://orcid.org/0000-0002-3583-1408>

³ Universidade Regional do Noroeste do Estado do Rio Grande do Sul – Unijuí. Ijuí/RS, Brasil.

<https://orcid.org/0000-0002-2788-5967>

CORPOS E PALAVRAS FERIDAS: A CAMPANHA #NÃOSECALE NA LUTA CONTRA VIOLÊNCIAS CORPORAIS E SEXUAIS INFANTIS

#NÃOSECALE, as quais são elaboradas a partir de relatos de histórias de mulheres adultas que enunciam publicamente que foram violentadas corporal e sexualmente na infância. A escolha metodológica baseia-se em Schwengber (2012) a partir do uso de imagens como recurso metodológico de pesquisas pós-críticas em educação, e, ainda, na perspectiva foucaultiana (Foucault, 2004, 2015) acerca dos discursos e enunciados veiculados nas imagens. As análises permitem reconhecer que a Campanha #NÃOSECALE exerce papel educacional e político (da palavra) ante as violências, as quais estão implicadas ao processo enunciativo, isto é, de exposição, de produção e de compartilhamento da dor e do sofrimento vivido nas histórias de vida. Pelo ato de narrar-se, contar-se, suas vozes transitam nessa dinâmica de fragilidade, de denúncia e de responsabilização de todos nessa forma de partilha. Além disso, a campanha #NÃOSECALE contribui para que diversos sujeitos se inspirem e tomem coragem de falar sobre a violência vivenciada, uma vez que os relatos de histórias contribuem para romper o indizível, fazendo com que essas violências sejam percebidas, reconhecidas e discutidas publicamente.

Palavras-chave: campanhas; infâncias; violências corporais e sexuais.

WOUNDED BODIES AND WORDS: THE #NÃOSECALE CAMPAIGN IN THE FIGHT AGAINST CHILDREN'S BODILY AND SEXUAL VIOLENCE

ABSTRACT

This article is driven by the commitment of confronting the physical and sexual violence that arise on some Brazilian children's bodies. In contemporary times, a set of digital campaigns related to the protection of children have emerged, which produce a certain recognition of children as subjects of physical and sexual rights. Thus, we ask: How does the #NÃOSECALE campaign by the Liberta Institute operate in confronting the physical and sexual violence experienced in childhood? The analytical corpus is limited to a set of images produced by the #NÃOSECALE campaign, which are elaborated from stories of adult women, who publicly state that they were physically and sexually abused in childhood. The methodological choice is based on Schwengber (2012), considering the use of images as a methodological resource for post-critical research in education, and also, on the

CORPOS E PALAVRAS FERIDAS: A CAMPANHA #NÃOSECALE NA LUTA CONTRA VIOLÊNCIAS CORPORAIS E SEXUAIS INFANTIS

Foucauldian perspective (2004, 2015) about the discourse and statements conveyed in the images. The analyses allow us to recognize that the #NÃOSECALE campaign plays an educational and political role (of the word) in face of violence, which is implied in the enunciative process, that is, of exposing, producing and sharing the pain and suffering experienced in their life stories. The act of narrating oneself, telling oneself, their voices moving through this dynamic of fragility, denunciation, but of holding everyone accountable in this form of sharing. In addition, the #NÃOSECALE campaign helps many subjects to be inspired and to have the courage to talk about the violence they experience, since the stories help to break the unspeakable, making these acts of violence perceived, recognized and discussed publicly.

Keywords: campaigns; childhoods; bodies and sexual violence.

VIOLÊNCIAS CORPORAIS E SEXUAIS NAS INFÂNCIAS BRASILEIRAS

Na segunda década do século 21, no Brasil, algumas infâncias vivenciam, diariamente, violências, não do mesmo modo e nem com a mesma força, por meio da negligência, do abandono, do descuido, do desamparo e da desresponsabilização do cuidado (higiênicas, de saúde, afetivas, educacionais). Além disso, essas infâncias sofrem com a violência física, traduzida em marcas visíveis ou não, e com a violência psicológica, mediante agressões verbais, ameaças, humilhações, desvalorização, estigmatização e desqualificação, incluindo o *bullying*. Neste contexto, discutimos as violências corporais e sexuais que atingem a etapa da infância, uma vez que esse tipo de violência abrange, majoritariamente, as crianças no Brasil, as quais têm sido, por muito tempo, ancoradas pelo silêncio (Fórum..., 2022).

Diante disso, os dados do Anuário Brasileiro de Segurança Pública (Fórum..., 2023) destacam que, do total de 74.930 mil casos de estupro e estupro de vulnerável⁴ no Brasil, 61,4% foram cometidos contra crianças menores de 14 anos, sendo as meninas as principais vítimas – aproximadamente 88%. Na maioria das vezes – em torno de 68,3% – o estupro de

⁴ Vulneráveis são caracterizados como sujeitos incapazes de consentir, menores de 14 anos, pessoas com deficiência mental ou cognitiva, pessoas inconscientes ou incapazes de se comunicar.

CORPOS E PALAVRAS FERIDAS: A CAMPANHA #NÃOSECALE NA LUTA CONTRA VIOLÊNCIAS CORPORAIS E SEXUAIS INFANTIS

vulnerável aconteceu na residência da vítima. Ainda, 86,1% dos casos têm como principais perpetradores alguém muito próximo da família, como um conhecido ou o próprio familiar. Este fato torna as violências silenciadas, pois muitas das ocorrências não são notificadas aos órgãos competentes.

Nessa direção – de dar visibilidade ou de tirar do silêncio as violências corporais e sexuais –, é que observamos, sobretudo na segunda década do século 21, um movimento que tem produzido certa mobilização nacional para divulgar e assegurar a proteção e o direito à preservação da infância⁵. Trata-se de um movimento que visa o compartilhamento nas mídias digitais – *Instagram, Facebook, X, Youtube, hashtags, sites*, campanhas e plataformas – e o debate na sociedade civil, motivando trocas e mobilizações sobre as violências, algo que, antes, era pouco discutido na esfera pública.

Para dar sequência à problematização inicial, apresentamos a Figura 1, que se refere a um *post* que foi produzido e divulgado na imprensa brasileira pelo Instituto Liberta, publicado em abril de 2023 em sua página do *Instagram*.

Figura 1 – Exploração sexual vivenciada pelas Yanomamis



Fonte: Instituto Liberta (2023a).

⁵ Nesse sentido, defrontamo-nos, na segunda década do século 21, com um amplo debate acerca dos direitos humanos, que tem marcado um momento importante na história brasileira.

CORPOS E PALAVRAS FERIDAS: A CAMPANHA #NÃOSECALE NA LUTA CONTRA VIOLÊNCIAS CORPORAIS E SEXUAIS INFANTIS

O *post* mostra o abuso nas terras Yanomamis⁶, e parece revelar que a exploração não se dá apenas no território (terra, solo), mas, também, na exploração dos corpos, por meio das violências corporais e sexuais, de modo particular sobre os corpos infantis. No Brasil há doses de violências exacerbadas (Del Priore, 2000) e vilipêndio da dignidade sofrida pelas meninas indígenas, conforme descrito no *post*. Para Del Priore (2000), é uma relação colonial de exploração que parece continuar de forma desigual e fundante em questões de poder. Assim, a partir do enunciado “Se sua irmã dormir comigo, te dou ouro”, é possível observar as meninas sendo usadas como moedas de troca entre as famílias e os garimpeiros, em que o ouro é visto como meio de seduzir e envolver os/as indígenas. De acordo com o Relatório da Hutukara Associação Yanomami (2022), os indígenas revelam que,

Depois que os garimpeiros que cobiçam o ouro estragaram a vagina das mulheres, fizeram elas adoecer. Estão transando muito com elas. É tanto assim que três moças, que tinham apenas por volta dos 13 anos, morreram. Os garimpeiros estupraram muito essas moças (...). Elas eram novas, tendo tido a primeira menstruação (p. 87).

Além do Relatório Hutukara Associação Yanomami, a Secretaria Nacional dos Direitos da Criança (SNDCA, 2023) ressalta que há, aproximadamente, 30 meninas grávidas de garimpeiros e/ou que tiveram filhos recentemente, das quais muitas acabaram contaminando-se com infecções sexualmente transmissíveis (IST), denominadas pelos indígenas como “vaginias estragadas”. Silvio Almeida⁷, em 2023, ressalta que esse tipo de violência que as crianças Yanomami sofrem vem produzindo certa fragilização das condições da vida infantil, tanto das meninas-mães, posto que muitas ainda estão no período da infância, quanto desses filhos, frutos das violências corporais e sexuais.

Assim, o Relatório Hutukara Associação Yanomami (2022) destaca que as violações que atingem as meninas Yanomami acontecem há muito tempo, uma vez que muita gente circula pela comunidade e arredores em busca dos minérios contidos no solo, em razão de que a terra é rica e a fiscalização é precária. Este fato abre espaço para que muitos garimpeiros circulem pelo espaço da aldeia, causando, além da exploração do solo, a

⁶ A população Yanomamis é o maior território indígena demarcado no Brasil, e conviveu com cerca de 20 mil mineradores ilegais.

⁷ Ministro dos Direitos Humanos e da Cidadania do Brasil em 2023.

CORPOS E PALAVRAS FERIDAS: A CAMPANHA #NÃOSECALE NA LUTA CONTRA VIOLÊNCIAS CORPORAIS E SEXUAIS INFANTIS

contaminação da fauna e da flora e as violências corporais e sexuais, contribuindo para o aumento da mortalidade infantil, da fome e da desnutrição dos indígenas. Além disso, o Relatório mostra que as meninas temem, ainda mais do que a fome, aquilo que fazem com seus corpos.

Trouxemos esse exemplo do que aconteceu/acontece com as meninas Yanomamis em 2023, na direção de problematizar que, no Brasil, algumas crianças crescem à sombra do medo e angustiadas pela incerteza que vêm sofrendo pelos mais diversos tipos de violências. Neste sentido, no âmbito da sociedade brasileira emerge um conjunto de artefatos, composto por projetos, leis, programas educacionais e campanhas, que versam sobre os direitos de uma infância sem violência, incluindo informações básicas sobre os corpos, o cuidado, a proteção e as violências corporais e sexuais. A intenção é contribuir para que os sujeitos, de maneira especial as crianças, estejam protegidos.

Dentre esses artefatos pontuamos: a Lei Nº 14.432/22 (Brasil, 2022), que, no Brasil, institui a Campanha Maio Laranja, referente ao combate e à exploração sexual de crianças e adolescentes; a Lei Nº 13.010/14 (Brasil, 2014), conhecida como Lei do Menino Bernardo, que estabelece o direito da criança e do adolescente a ser educado sem o uso de castigos físicos; a Campanha “Me Proteja”, idealizada pelo governo federal, pelo Conselho Nacional de Justiça e pelo Fundo de Emergência Internacional para Crianças das Nações Unidas (Unicef), a fim de reduzir os efeitos dos diversos tipos de violência contra a criança; e o Programa “Escola que Protege”, elaborado pelo Ministério da Educação na intenção de capacitar os profissionais da educação para promoverem a prevenção das violências contra as crianças e os adolescentes.

Diante disso, convidamos a acompanhar outro *post*, o qual também consideramos um exemplo desses artefatos que versam sobre o direito da infância sem violência, aqui, de modo particular, acerca das violências corporais e sexuais (Figura 2).

CORPOS E PALAVRAS FERIDAS: A CAMPANHA #NÃOSECALE NA LUTA CONTRA VIOLÊNCIAS CORPORAIS E SEXUAIS INFANTIS

Figura 2 – Estupro contra as meninas brasileiras



Fonte: Instituto Liberta (2023b).

Este *post* também foi produzido e divulgado pelo Instituto Liberta, no ano de 2023, em sua página do *Instagram*, fazendo referência a dados do Anuário Brasileiro de Segurança Pública de 2022 (Fórum..., 2022), sintetizando o cenário brasileiro no que se refere às violências corporais e sexuais que atingem as crianças. Ao disseminar a informação, o Instituto possibilita a promoção das discussões, a prevenção acerca dessas violências e alerta para a urgência das informações e da educação para o enfrentamento.

Desse modo, observamos que, a partir da quarta onda do feminismo, outro modo feminista constitui-se de forma individual e coletiva, impulsionando-se e se popularizando por intermédio das redes sociais e, sobretudo, a partir da inserção de campanhas digitais no Brasil (Hollanda, 2018). São campanhas que operam, majoritariamente, por meio das *hashtags*, como o caso das Campanhas #NÃOSECALE, do Instituto Liberta, as quais dão vazão às discussões acerca das violências corporais e sexuais que atingem, de modo especial, as mulheres e as crianças. Na opinião de Holanda (2018), as *hashtags* possibilitam a ampliação e a atualização do debate acerca das violências.

Assim, escolhemos para analisar a Campanha #NÃOSECALE, do Instituto Liberta, o qual trabalha de modo digital e público mediante o seguinte questionamento: Como a

CORPOS E PALAVRAS FERIDAS: A CAMPANHA #NÃOSECALE NA LUTA CONTRA VIOLÊNCIAS CORPORAIS E SEXUAIS INFANTIS

Campanhas #NÃOSECALE, do Instituto Liberta, opera na direção educativa perante o enfrentamento das violências corporais e sexuais experienciadas nas infâncias?

PERCURSO METODOLÓGICO

A produção deste artigo deu-se a partir da análise qualitativa de uma amostra do levante virtual (2020, 2021, 2022 e 2023) da Campanha #NÃOSECALE do Instituto Liberta. A escolha por essa Campanha justifica-se por um conjunto de fatores, entre eles porque as páginas oficiais da Campanha estão sempre atualizadas, movimentando materiais didáticos e de apoio educativo.

Destacamos outro fator utilizado para a seleção da Campanha #NÃOSECALE, critério que se relaciona com a singularidade da Campanha, uma vez que ela representa uma inovação como política. A Campanha apresenta relatos de histórias vividas por sujeitos que foram violentados corporal e sexualmente na infância. Esses relatos podem ser entendidos como uma descrição narrativa feita pelos sujeitos sobre a violência que sofreram, constituindo uma maneira de apresentar sua palavra diante dos outros. Assim, eles adquirem um lugar de fala compartilhado, no qual, ao mesmo tempo em que expõem que foram vítimas, promovem uma interação dinâmica e coletiva com o Outro a partir das redes.

Desse modo, escolhemos para pensar a Campanha #NÃOSECALE como experiência discursiva. Para Foucault (2015), a análise do campo discursivo ocorre a partir da compreensão dos enunciados e da singularidade da sua situação. Neste artigo o *corpus* analítico delimita-se em imagens publicadas de mulheres que, na sua infância, foram violentadas em âmbitos corporais e sexuais.

Schwengber (2012) aponta as imagens como produtos e produtoras de contemporaneidade centrais para a construção da vida social, que possibilitam maneiras de observar e discutir acerca da realidade. As imagens são compreendidas como uma forma de linguagem a partir “dos seus elementos signos narrativos” (p. 21), oportunizando a compreensão dos demais sentidos que habitam uma imagem. Schwengber (2012, p. 268) destaca que “uma imagem não é apenas um conjunto composto por linhas, cores, luzes ou sombras; não é apenas uma questão de forma, um pensamento plástico; ela existe como um pensamento político, histórico e cultural”.

CORPOS E PALAVRAS FERIDAS: A CAMPANHA #NÃOSECALE NA LUTA CONTRA VIOLÊNCIAS CORPORAIS E SEXUAIS INFANTIS

Consequentemente, as imagens, como recurso metodológico, não dependem somente da sua visualidade plástica para análise, mas, também, do entendimento do discurso, dos regimes de saber, poder e verdades que operam em cada época, lugar e tempo nos quais foram pensadas (Foucault, 2015).

Neste sentido, este artigo propõe que as imagens sejam analisadas de maneira discursiva a partir dos enunciados verbais e visuais que as compõem. Destarte, analisamos as imagens visuais de maneira que elas se somem aos textos, sendo pensadas como uma forma de discurso; não como meras ilustrações, mas como imagens que possibilitam a movimentação de significados, de sentidos e de valores. Nesse caso, não partem, necessariamente, de uma natureza totalmente racional instrumental, mas, sim, de observação e imaginação (Schwengber, 2012).

Destacamos que o estudo das imagens se deu em consonância com o enunciado #NÃOSECALE, uma vez que ele produz uma mensagem, sendo sobre ambos (imagem e enunciado) seus efeitos que também queremos pensar. Diante dos pressupostos metodológicos, destacamos que a seção analítica possui observação de quatro imagens, e, para melhor aprofundamento empírico, foram analisados fragmentos de vídeos de entrevistas, sendo a partir deles que a Campanha #NÃOSECALE produziu as imagens presentes na análise.

A CAMPANHA #NÃOSECALE: COMPARTILHAMENTO DA FALA SOBRE VIOLÊNCIAS CORPORAIS E SEXUAIS VIVENCIADAS NA INFÂNCIA

Hoje sou adulta
Mas lembro ardentemente
Que um dia fui criança
E minha inocência foi roubada
Por mãos pesadas
Que até hoje nem sequer foram amarradas
Eu? Vivo com o sentimento que inicialmente era de CULPADA
Hoje sou empatia, sei que a culpa não foi minha...
(Antunes, 2020, p. 42).

Essa voz que o eu lírico anuncia é de uma mulher já adulta que, na sua infância, parece ter sido vítima de violências corporais e sexuais, como aponta Hollanda (2018, p. 208): “as vezes o poema não se torna explícito, mas causa ruído”. Esse ruído expressa o

CORPOS E PALAVRAS FERIDAS: A CAMPANHA #NÃOSECALE NA LUTA CONTRA VIOLÊNCIAS CORPORAIS E SEXUAIS INFANTIS

sentimento de uma criança que viveu sentindo-se culpada pelo que lhe acontecia, e a memória faz-lhe lembrar de alguém que ainda vive impunemente, mesmo tendo roubado a sua inocência.

A voz dessa mulher alinha-se à concepção de Holanda (2018), que destaca os poemas como modo de manifestar a sua dor individual. Além dos poemas, outros artefatos que podem contribuir como forma de manifestação da dor são imagens, *flyers*, fotos e vídeos (Rose, 2001). Assim, esses artefatos podem ser uma estratégia política que potencializa a expressão, a fala e a colaboração, na medida em que outros sujeitos partilham do mesmo sentimento e compartilham da dor das violências vividas agora no e com o coletivo.

Holanda (2018, p. 46) ressalta, ainda, que “as experiências em primeira pessoa, tornadas públicas na rede, passam a afetar o outro”. A partir disso, adentramos na Campanha #NÃOSECALE, que também se utiliza da fala e dos relatos de história em primeira pessoa, de modo público, como principal maneira política de agir.

A Campanha #NÃOSECALE foi lançada em julho de 2020 pela agência de marketing que atende o Instituto Liberta, a Cucumber Propaganda, sendo ela a responsável pela criação da Campanha. Além do Instituto Liberta e a Cucumber Propaganda, há outros apoiadores da causa, como a empresa Plié Langie, a incorporadora Yuny e a administradora de benefícios Qualicorp.

A Campanha #NÃOSECALE opera, principalmente, nos espaços digitais, e, ainda, no ambiente escolar, uma vez que, conforme o Instituto Liberta (2021), há muitos casos de violência relatados pelas crianças e adolescentes nesses lugares. No ambiente escolar, além do material didático proporcionado pelo levante virtual, a Campanha movimenta-se mediante a distribuição de máscaras de proteção contra a Covid-19 em escolas públicas do Estado de São Paulo a fim de que mais pessoas a conheçam, pois as máscaras trazem enunciados do movimento – #NÃOSECALE –, simbolizando que, mesmo de máscara, a sua voz pode ser ouvida, possibilitando que outras crianças e adolescentes solicitem ajuda e denunciem quando forem vítimas de violência corporal e sexual.

Alguns famosos, como Maria da Graça Xuxa Meneghel, a Xuxa, relatam, em suas mídias sociais, as violências corporais e sexuais sofridas na infância, buscando o rompimento do silêncio ante a essas violências, mostrando seu relato como um pacto de

CORPOS E PALAVRAS FERIDAS: A CAMPANHA #NÃOSECALE NA LUTA CONTRA VIOLÊNCIAS CORPORAIS E SEXUAIS INFANTIS

solidariedade que se faz na coletividade, com o propósito de que se construa uma rede de enfrentamento, tornando possível que uma voz chame a outra (Instituto Liberta, 2020).

Dessa maneira, a Campanha #NÃOSECALE utiliza-se dos relatos de histórias de mulheres violentadas corporal e sexualmente na infância, e, como recurso para a divulgação e o compartilhamento desses relatos de histórias, são produzidas imagens visuais⁸. Essas imagens visuais da Campanha são divulgadas de forma pública nas redes sociais, podendo alcançar muitas pessoas, permitindo o compartilhamento e a cooperação com a discussão que se faz em torno das violências corporais e sexuais na infância, assim como instiga Tina, uma das participantes das imagens: “Eu falo para que outras pessoas possam ter consciência de que isso pode estar acontecendo na sua casa”. São questões dessa natureza que as imagens a seguir permitem ler, conforme inicialmente apresentado na Figura 3.

Figura 3 – Relato de Tina



Fonte: Instituto Liberta (2021).

Esta imagem, representada pela Figura 3, diz respeito à Tina, uma mulher negra que sofria violência corporal e sexual na infância, tendo o avô materno como perpetrador. O enunciado de Tina – “Abusador à noite, mas de dia, o avô!” – permite-nos pensar que ela viveu a violência desde muito cedo, e, ainda, por um sujeito do seu convívio familiar: seu avô. Na sequência de seu relato de história ela enfatiza: “eu sou filha da violência, não conheci outra realidade”; e, assim, denuncia que esteve cercada pela violência, destacando que, além da violência sofrida pelo avô, constantemente presenciava os conflitos de seus pais, tanto físicos quanto de ordem psicológica.

⁸ Fotos, *flyers* e vídeos.

**CORPOS E PALAVRAS FERIDAS: A CAMPANHA #NÃOSECALE NA LUTA CONTRA
VIOLÊNCIAS CORPORAIS E SEXUAIS INFANTIS**

Seu pai era um homem violento, e sua mãe, com o passar dos anos, tornou-se alcoólatra e reprodutora das violências. Dessa forma, a mãe de Tina contribui para nos ensinar que se alguém não “meter a colher” e intervir no ambiente privado/familiar, a violência pode acabar com uma vida, assim como a vida do pai de Tina, que se encerrou nas mãos de sua mãe, que o assassinou.

O avô violentador de Tina trazia manutenção para a casa, tanto em âmbito emocional quanto financeiro. Quando as brigas de seu pai e sua mãe se acentuavam, o avô oferecia-se para ficar com ela nos finais de semana e, assim, “durante a noite e a madrugada ele me procurava na cama, até que depois ele começou tocar na minha vagina”. Quando Tina estava com 11 anos de idade sua mãe assassinou seu pai, e, a partir daí, o avô ficou com a guarda, e as violências, que aconteciam somente aos finais de semana, passaram a ser algo diário. Com o sentimento de tristeza no olhar, Tina destaca que começou a associar “a dor ao amor”, acreditando que aquilo era uma maneira de amar e que ela merecia o que lhe acontecia.

Tina ressalta que a escola foi essencial para romper com a violência, pois, ao ouvir as conversas de seus amigos, compartilhar experiências e visitar a casa das colegas, começou a perceber como eram as dinâmicas familiares deles e de que forma a família se comportava com os filhos. A partir disso, Tina reconheceu que a dinâmica na sua família acontecia de modo muito diferente, na qual ela não se sentia confortável, segura e protegida.

Ainda, Tina revela que as violências perpetradas pelo avô somente acabaram aos 14 anos, no dia em que teve a sua primeira menstruação, e que, antes disso, criava uma dinâmica para sobreviver às violências, o que traduz no seguinte enunciado: “se eu ficar bem quieta, vai acabar rápido”. Ficava tão quietinha que Tina nunca contou a nenhum familiar sobre a violência que sofria.

A seguir apresentamos a segunda imagem selecionada para análise da campanha, representada pela Figura 4, e enunciados pontuais retiradas do vídeo⁹ da entrevista de Jennyffer.

⁹ Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=lty8SeSkfO0&t=38s>

**CORPOS E PALAVRAS FERIDAS: A CAMPANHA #NÃOSECALE NA LUTA CONTRA
VIOLÊNCIAS CORPORAIS E SEXUAIS INFANTIS**

Figura 4 – Relato de Jennyffer



Fonte: Instituto Liberta (2021).

No início da entrevista Jennyffer relata que a estrutura familiar na qual vivia podia ser considerada “desestruturada”, uma vez que era filha de pais divorciados e morava com a mãe, que ainda estava em seu processo de escolarização. Sua mãe começou a namorar um homem que conheceu no lugar onde estudava, e, ao visitar o namorado, levava Jennyffer junto na casa dele, cujo espaço acabou expondo-a às violências corporais e sexuais, destacando: “ele foi o primeiro abusador da minha vida; eu chamava esse cara de pai”.

Aos 11 anos Jennyffer precisou ir ao médico por conta de um pequeno caroço na vagina. Ao ser examinada, o médico assustou-se e disse que a sua vagina parecia de uma mulher de 40 anos¹⁰, o que a fez perceber que alguma coisa estava errada. Ela recorda com precisão que viu sua mãe em conversa com o médico e as enfermeiras, mas que nada foi feito, e “a vida seguiu normalmente”, inclusive as violências que sofria.

Jennyffer salienta que a primeira vez que rompeu com o silêncio e contou para alguém o que lhe acontecia foi desacreditada. Inicialmente contou para sua irmã mais nova, que contou para a mãe. A mãe, por sua vez, questionou o marido – padrasto de Jennyffer – acerca das violências, o qual negou, acusando a enteada de ser mentirosa.

¹⁰ Podemos perceber, por meio desse fragmento do relato de história, como o discurso do médico também é violentador, posto que, possivelmente, a vulva de Jennyffer estivesse com indícios de fricção e laceração ocasionados pela violência. Assim, o médico poderia ter feito questionamentos sobre a situação da vulva de Jennyffer, identificando as violências vividas.

CORPOS E PALAVRAS FERIDAS: A CAMPANHA #NÃOSECALE NA LUTA CONTRA VIOLÊNCIAS CORPORAIS E SEXUAIS INFANTIS

Entre lágrimas, ela reconhece que o namorado da mãe não foi o único violentador da sua vida, mas com ele foi o início, o que deu margem para outros violentadores. Pelo fato de Jennyffer não ser mais virgem e escutar da sua mãe que precisava encontrar um namorado com boas condições financeiras, acabou ficando com homens em troca de alimentos, roupas e dinheiro, o que mexia com o sonho, suas necessidades e com a sobrevivência dela, e, por isso, acabava aceitando.

Jennyffer destaca que ela ainda era menor de idade e que os homens com quem ela se relacionava ocupavam cargos profissionais de poder, revelando que esse tipo de violência entre eles era considerado mais comum do que se possa imaginar, reconhecendo que ela fez parte de uma grande rede de violência, a qual é naturalizada na sociedade. Por fim, ela ressalta que um de seus maiores sonhos era ter uma mãe que lhe fizesse carinho, e que, por muito tempo, aceitou essas condições para que pudesse ter essa figura de mãe ao seu lado.

Na sequência apresentamos mais uma das imagens selecionadas nesta pesquisa (Figura 5).

Figura 5 – Relato de Dani



Fonte: Instituto Liberta (2021).

Essa imagem diz respeito à Dani, uma mulher que foi violentada quando tinha oito anos de idade, à luz do dia, num espaço público. Com tom de indignação na voz, Dani conta que foi até uma banca de jornal e que usava shorts e tênis, quando um homem, que ela nunca tinha visto, se aproximou dela e colocou a mão dentro de seu shorts e calcinha e começou a

**CORPOS E PALAVRAS FERIDAS: A CAMPANHA #NÃOSECALE NA LUTA CONTRA
VIOLÊNCIAS CORPORAIS E SEXUAIS INFANTIS**

tocar a sua vagina. Complementa, ainda, que o homem tinha idade para ser o seu avô, e que enquanto ele a violentava a olhava e sorria de uma forma que a amedrontou. Com os olhos arregalados questiona: “Onde ele viu que tinha essa liberdade?”

A seguir apresentamos a quarta imagem visual selecionada para a análise da Campanha #NÃOSECALE (Figura 6).

Figura 6 – Relato de Keka¹¹



Fonte: Instituto Liberta (2021).

A imagem e o enunciado dizem respeito à Keka, uma mulher que descreve que foi violentada, corporal e sexualmente, pelo padrasto durante a infância. Ela inicia seu relato de história contando que foi criada pela mãe, uma vez que seus pais se separaram quando ela ainda era bem pequena; logo, sua mãe começou a namorar e, muito rapidamente, foi morar com o namorado, levando Keka junto.

Durante um tempo em que morou com o padrasto, ele aparecia em seu quarto durante a noite, lhe observava, tocava-a e a estuprava. Assim, Keka começou a enfrentar dificuldades para conseguir dormir, pois ficava tensa, imaginando quando o namorado de sua mãe, e então padrasto, apareceria em sua cama. Para se ver livre dele ficava dias sem tomar banho para ficar com cheiro desagradável, fazendo com que ele não quisesse a violentar.

¹¹ Disponível em: <https://www.facebook.com/watch/?v=177693284507518>

CORPOS E PALAVRAS FERIDAS: A CAMPANHA #NÃOSECALE NA LUTA CONTRA VIOLÊNCIAS CORPORAIS E SEXUAIS INFANTIS

A partir de toda a história da sua vida, Keka reconhece que a sua família era privilegiada em relação ao dinheiro e à educação formal, mas, na mesma proporção, constata que era carente em relação ao amor, ao cuidado e à convivência familiar. As violências que sofreu deixaram marcas, inicialmente por pensar que a culpa do que lhe acontecia era dela por ser bonita. Também se sentia culpada por julgar que era amante do namorado da mãe, tanto que somente alguns anos mais tarde, com o fim das violências, foi que Keka contou para sua mãe o que lhe acontecia.

Keka teve de tomar remédios antidepressivos durante 20 anos, iniciando o tratamento aos 15 anos de idade, enfrentando muitas dificuldades para estabelecer relação com outras pessoas, sobretudo nos relacionamentos amorosos. Já adulta, ela confrontou o seu violentador, querendo saber os motivos pelos quais ele a violentou, e ele alegou que ela era uma criança com muitos problemas mentais, chamando-a de louca. Revoltada, decidiu ir à justiça, e descobriu que o que ela sofreu estava prescrito tanto na vara cível quanto criminal. Assim, por todo o tempo que se manteve calada e por tudo o que já havia sofrido, ela resolveu falar a todos sobre o que viveu. Por fim, Keka relata que é necessário que as violências corporais e sexuais não fiquem silenciadas, pois prejudicam as crianças e deixam marcas por toda uma vida. Ela também alerta os adultos para que olhem mais para as crianças, prestando atenção aos sinais, para que ouçam o que elas têm a dizer e para não desacreditarem delas.

Neste sentido, o conjunto desses relatos de histórias da Campanha #NÃOSECALE faz-nos perceber que, nestes casos, a criança tem uma primeira barreira a vencer, que é a do seu silêncio, oriundo também de sua dor, a qual pode se intensificar à medida que a violência vai tomando caráter de naturalidade. A Campanha #NÃOSECALE quer mostrar, mediante os depoimentos de Tina, Jennyffer, Dani e Keka, que as violências corporais e sexuais podem afetar todas as crianças, independente da sua aparência, classe social e características físicas, sejam elas negras, pardas ou brancas, de cabelo liso ou cacheado, ruivas, loiras ou morenas, sujas ou limpas. É uma diversidade de mulheres e de vozes enunciando o mesmo problema.

Ainda, é possível perceber que as violações infantis podem acontecer a qualquer momento e em qualquer lugar, seja no espaço público, na própria casa ou na casa de familiares. Neste sentido, o Anuário Brasileiro de Segurança Pública de 2023 (Fórum..., 2023) traz que, em relação aos lugares em que acontecem os estupros de vulneráveis, a

CORPOS E PALAVRAS FERIDAS: A CAMPANHA #NÃOSECALE NA LUTA CONTRA VIOLÊNCIAS CORPORAIS E SEXUAIS INFANTIS

residência, a via pública, a escola, o hospital e as áreas rurais, estão elencados como os cinco mais propensos a isso, sem considerar outras violações, como os abusos e assédios.

Os relatos de histórias apresentados nas imagens também expõem a condição de criança, que, por sua natureza, é vulnerável e depende de um adulto que a cuide, e essa vulnerabilidade acentua-se na medida em que esse adulto, que deveria cuidar, a violenta (Butler, 2021). Nessa direção, o Anuário Brasileiro de Segurança Pública de 2023 (Fórum..., 2023) assinala que a criança estabelece uma relação de confiança com aquele sujeito que tem a sua guarda, uma vez que depende dele nas dimensões físicas, psicológicas, alimentares e de segurança.

A criança, ao ser violentada pelo sujeito que tem sua guarda – geralmente um familiar –, compreende que aquilo que acontece com ela é considerado normal, até porque não tem capacidade de reconhecer a violência sofrida, seja pela falta de conhecimento sobre o tema ou pelo vínculo com o agressor, e também pelo sentimento de culpa ou vergonha, incluindo possíveis manipulações desse agressor mediante ameaças e subornos, o que contribui para garantir o silêncio da criança. Neste sentido, é possível observar nos relatos de histórias da Campanha #NÃOSECALE, principalmente no de Tina, que é somente quando adentra ao mundo público e social que a vítima poderá perceber modos diferentes de ser e, então, estranhar algo que se passa com ela mesma, e que muitas coisas não são consideradas normais no convívio de uma família. Embora sejam relatos de histórias muito diferentes, também são muito parecidas, pois fazem parte da vida de mulheres que sofreram violências corporais e sexuais no período da infância, e que, agora adultas, enunciam livremente a sua dor na esperança de que outras crianças não sejam violentadas.

Consequentemente, o não se calar, incitado pela Campanha, é compreendido não apenas como a ação de falar sobre a violência sofrida, mas, como instigam Solnit (2017) e Ribeiro (2021), é a capacidade de posicionar-se, de participar, ser ouvida, de a sua fala ser reconhecida, “de se experimentar e de ser experimentado como uma pessoa livre com direitos” (Solnit, 2017, p. 31) de dizer e de erguer a sua voz sobre as violências sofridas.

Já adultas, essas mulheres usufruem o direito, que na infância lhes foi negado, de contar sobre as violências vividas na sua infância e compartilhá-las de modo público, fazendo com que outros sujeitos se aproximem das suas experiências e construam um laço de reconhecimento com outras que também foram violentadas. Dessa forma, constituem-se

**CORPOS E PALAVRAS FERIDAS: A CAMPANHA #NÃOSECALE NA LUTA CONTRA
VIOLÊNCIAS CORPORAIS E SEXUAIS INFANTIS**

as camadas de memórias das experiências de violências que, por vezes, se confundem, repetem-se e entrelaçam-se entre as muitas experiências de outras tantas mulheres vítimas de violência. Assim, esse tipo de narrativa pessoal que a Campanha utiliza é marcado pelo sentimento de que esse fato poderia ter acontecido com qualquer sujeito. Cria-se, então, um fator de sensibilidade a partir da “percepção de um problema comum” (Hollanda, 2018, p. 37).

O fato de essas mulheres adultas saírem do silêncio e de suas falas serem reconhecidas, quando outras pessoas se sensibilizam e reconhecem-se sobre as violências vividas, é uma conquista. Isso diz respeito à ideia de Foucault (2015), que nos convida a pensar sobre os sujeitos e seus direitos à fala, mostrando que na nossa sociedade não se pode dizer tudo o que se deseja e em todas as circunstâncias, muitas vezes por não ser considerado conveniente, e outras pelo fato de o sujeito em questão não ser o privilegiado detentor da palavra, mas a minoria em termos de poder, que não tem o direito à fala.

Além disso, há segredos de famílias que não vêm a público, sendo eternamente silenciados, seja por vergonha, falta de credibilidade da palavra ou pelo descrédito do lugar de fala da criança, negando a violência sofrida. Partindo dessa concepção de desacreditar na fala da criança, Foucault (2015) recomenda-nos refletir sobre os discursos construídos historicamente e, ainda, sobre os três sistemas de exclusão que atingem a credibilidade da palavra: a palavra proibida, a segregação da loucura e a vontade da verdade.

A palavra proibida vai ao encontro do silenciar-se, uma vez que não é possível que os sujeitos falem tudo o que desejam, e, quando se expressam, podem ser considerados loucos, posto que buscam a vontade da verdade, que pode não ser a verdade que permeia os discursos da sociedade na qual se vive. Na segregação da loucura Foucault (2015, p. 10) ressalta que determinados discursos não podem circular, pois pode “ocorrer que sua palavra seja considerada nula e não seja recolhida, não tendo verdade”, considerando, então, loucos aqueles cujos ditos não vão ao encontro dos discursos que permeiam a nossa sociedade, pontuando, aqui, uma sociedade que preza pela “família tradicional”, em que as violências estão mascaradas pelo *status* da família.

Outro ponto que a Campanha #NÃOSECALE parece enunciar é em relação ao compartilhamento das experiências de violências vividas por mulheres na infância, na direção de que uma se reconheça, em parte, na Outra, ou seja, essa mulher difere-se de mim,

**CORPOS E PALAVRAS FERIDAS: A CAMPANHA #NÃOSECALE NA LUTA CONTRA
VIOLÊNCIAS CORPORAIS E SEXUAIS INFANTIS**

mas, simultaneamente, parece parte de mim (uma causa coletiva). Isso ocorre por meio da fala e do relato da história, o que provoca reconhecer a si e ao Outro, na medida em que o Outro, como assevera Butler (2019), expõe sua precariedade e promove um contato com conversações (falas), o que pode estimular, também, a procura por ajuda em relação às situações de violências quando histórias são relatadas.

No nosso ponto de vista, a Campanha #NÃOSECALE produz um jogo de conversações e exposições sem solicitar respostas, mostrando um caráter que inova a espontaneidade de “agora adulta”, que, mesmo tarde, traz a fala e a vocalização de uma história vivida. Assim, hoje adultas, essas mulheres colocam-se em movimento de exposição, de reflexividade e de diálogo diante das violências vividas, na direção de, talvez, destacar a importância da abertura de si às/os Outras/os, dividindo essas violências, produzindo um testemunho. Para Butler (2019, p. 105), “o outro representa a possibilidade de a história ser devolvida em uma nova forma, de os fragmentos serem ligados de alguma maneira, de alguma parte da opacidade ser iluminada”. Neste contexto, um conjunto de estudiosas, como Butler (2019) e hook (2019), compreendem que o gesto de dizer atua como uma prática social e moral que pode, inclusive, subverter entendimentos e mostrar os limites do que podemos ou não fazer.

Considerando as possibilidades conceituais e metodológicas dessa Campanha, colocamos ela na seara de ser uma Campanha diferenciada, por possibilitar a provação dos testemunhos, da exposição, da reflexividade e do diálogo da experiência de violentadas, uma vez que essas mulheres contemporâneas se inscrevem no movimento de virada afetiva na comunicação (Castells, 2013), bem como na relação com o Outro e nos relatos de si (Foucault, 2004; Butler, 2019) como potências de transformação do ato violento. Castells (2013, p. 145) ensina-nos a pensar que essas campanhas digitais possibilitam a “autocomunicação” baseada em redes horizontais de comunicação multidirecional e interativa, em que feministas e novos sujeitos feministas vão surgindo e outros debates aparecem à luz das experiências de ser mulher na contemporaneidade.

A Campanha #NÃOSECALE possibilita a socialização das questões da violência antes silenciadas; faz emergir no campo público e num campo político o compartilhamento das violências por meio da fala e da palavra por intermédio de depoimentos da experiência

**CORPOS E PALAVRAS FERIDAS: A CAMPANHA #NÃOSECALE NA LUTA CONTRA
VIOLÊNCIAS CORPORAIS E SEXUAIS INFANTIS**

vivida. As violências corporais e sexuais infantis entram em outra ordem: do discurso, do dizer, do falar (Foucault, 2004).

O trabalho da Campanha #NÃOSECALE, em parte, tem a ver com afirmar e organizar os ruídos das conversações sobre as experiências de violência de mulheres vítimas de abusos na infância, por meio de rastros reafirmados no ciberespaço, nas redes sociais. “A ação dos atores em propagar, replicar, dar visibilidade para determinada informação e não outra é o que faz com que (...) a reprodução e a contestação de discursos, o conflito das conversações e sua ampliação” (Recuero; Bastos; Zago, 2018, p. 23). Para Veena Das (2020), a violência, descida ao ordinário, é uma ação difícil, uma vez que exige se nomear e reconhecer-se violentada, agredida, estuprada, pisada, arrasada por sujeitos com quem tinha sentimentos de vínculo e familiares, e procurar, ainda, o próprio restauro da dor, transformando-a em luta.

De acordo com Veena Das (2020, p. 5), é “a violência e sua descida ao ordinário”; assim, a vida precisa do “trabalho do tempo”. A referida autora considera o tempo e a fala como agentes cruciais para a reelaboração das mulheres, uma vez que processam os sentimentos e afetações nas experiências de violência, o que permite, ao mesmo tempo, um trabalho de reconstrução da sociabilidade. Essas mulheres, cujos corpos são marcados por uma gramática de gênero violenta, usam, agora, de uma linguagem para narrar as violações sofridas no cotidiano, evidenciando o laço entre a sua experiência, o trabalho do tempo e a subjetividade. Ensaiam coragens em diversos relatos para conseguir avançar na tarefa de comunicar o indizível da violência infantil, que agora é compartilhada.

O compartilhamento dos relatos de histórias de dor serve como ferramenta para que as mulheres possam se organizar e tornar as experiências violentas mais compreensíveis e passíveis de compartilhamento. Esse universo de aproximação e de compartilhamento, por exemplo, remete às redes de apoio entre mulheres contemporâneas, um compromisso ético de estabelecer cuidados necessários para se colocar em diálogo, refletir sobre o que as afeta e para conversar com esse universo afetivo da Outra. Essa Campanha perpassa por entre as forças afetivas, e, nesse percurso, experimenta que a linguagem, a fala, a vocalização e/ou o modo de ação são possíveis para tangenciar tantos afetos inauditos e, muitas vezes, sem pronúncia possível.

CORPOS E PALAVRAS FERIDAS: A CAMPANHA #NÃOSECALE NA LUTA CONTRA VIOLÊNCIAS CORPORAIS E SEXUAIS INFANTIS

A Campanha #NÃOSECALE inclui o compartilhamento de vivências abusivas de mulheres que passaram a contar de si mesmas mesmo depois de adultas, e que, ao construírem um gesto de fala, erguem a voz no que perpassa a experiência de violência e que expande a dor. Nomear a dor, dar expressão a esse sentimento da experiência, como ensina-nos hooks (2019), é uma estratégia de resistência e de possível modificação. A Campanha destaca as mulheres inquietas com a questão da violência, que insistem em afirmar e em validar formas de expressão das violências vividas, que, pode-se declarar, estão ancoradas no comprometimento feminista dessa quarta onda, como destacado por Hollanda (2018), de romper silêncios, mesmo não sendo fácil falar, posto que o fazem porque “dizer-me é como uma tarefa, um compromisso com a Outra” (p. 67). bell hooks (2019) lembra-nos da dor intolerável que faz erguer a voz, considerando a linguagem e as possibilidades de fala um posicionamento de luta. Para a autora (2019), falar da dor pessoal tem importância na medida em que esse dizer consegue ressoar na coletividade, de modo que uma voz pode “libertar” e/ou alertar outras.

Para hooks (2019, p. 45),

Falar se torna tanto uma forma de se engajar em uma autotransformação ativa quanto um rito de passagem quando alguém deixa de ser objeto e se transforma em sujeito. Apenas como sujeitos é que nós podemos falar. Como objetos, permanecemos sem voz.

Segundo hooks (2019), compartilhar as experiências de dor das violências (abusos) é a instauração de um enfrentamento aos silenciamentos; é manter modos de vida mais dignos e respeitados. Para a autora, importa, sim, compartilhar, conhecer a dor, a raiva, o desamparo. hooks (2019) explica que, hoje, podemos perceber um outro movimento, como esse proposto pela Campanha #NÃOSECALE, como um dos mecanismos de quebrar o silenciamento e destacar as disposições da fala, da publicização, da discussão, da denúncia. A comunicação e o compartilhamento das vulnerabilidades e precariedades (Butler, 2019) contemplam, de um modo geral, as dimensões ética e afetiva das experiências e das relações de enfrentamento e o diálogo e o dissenso nos processos sociais. Conforme Butler (2019), evidenciar as vulnerabilidades e as precariedades, enquanto potência para a abertura,

**CORPOS E PALAVRAS FERIDAS: A CAMPANHA #NÃOSECALE NA LUTA CONTRA
VIOLÊNCIAS CORPORAIS E SEXUAIS INFANTIS**

compõe a trajetória e a posição ética, estética e política de “colocar-se”, de dar visibilidade às violências.

Por isso, erguer a voz é importante, como nos ensina hooks (2019), na medida em que isso é feito em respeito e compromisso com as Outras, com um gesto aberto e consciente das possibilidades deste dizer no caso das violências. A autora destaca a importância do feminismo dessa quarta geração nas insurreições de fala como um espaço em que as experiências podem convergir a se tornarem uma voz pública e confrontarem formas de conhecimento dominantes. Ainda, hooks (2019) defende uma comunicação aberta, bem como o uso crítico e político das experiências pessoais, tanto como recurso de exemplificação para as mulheres se conectarem e identificarem-se quanto como um modo de conhecimento, que combina análise pessoal crítica com uma perspectiva política de mudanças.

A comunicação, o compartilhamento e a exposição estão na gramática da Campanha #NÃOSECALE. A expressão e a comunicação da violência em exposição e o trato dos relatos de histórias da violência como uma forma de conhecimento que sustenta suas possibilidades de autocompreensão e compartilhamento pelos sujeitos dessas vivências, precisam do tempo como um agente de costura de uma narrativa entre zonas de silêncio e, hoje, modos de expressão. Veena Das (2020, p. 274) expõe que “Nomear a violência não reflete apenas as lutas semânticas – reflete o ponto em que o corpo da linguagem se torna indistinguível do mundo; o ato de nomear constitui uma enunciação performativa”.

Veena Das (2020) e bell hooks (2019) destacam que abrir silêncios como os de vivências violentas, assim como a operação, envolve fazer uma rasgadura histórica. Erguer a voz, como sugere hooks (2019), quando estamos esgotadas, tem sido um comprometimento feminista de romper esses silêncios. Seguindo a orientação de bell hooks (2019), quando aplicamos a teoria de encontrar uma voz na nossa vida “criamos uma consciência crítica atenta, acontece uma transformação significativa para o eu e a sociedade” (p. 21). O gesto de contar-me, em uma experiência que me interpela, é potência de transformação.

Parece que a Campanha #NÃOSECALE busca forjar uma mulher aberta à linguagem, mas, sobretudo, à palavra, ao diálogo, e instaura novas dimensões comunicativas

CORPOS E PALAVRAS FERIDAS: A CAMPANHA #NÃOSECALE NA LUTA CONTRA VIOLÊNCIAS CORPORAIS E SEXUAIS INFANTIS

pelas conversações, que trazem as trocas dolorosas para a formação de um conhecimento da dor e da violência.

Nas conversações sobre violência e abuso são compartilhados conhecimentos sobre a violência e como encerrar ciclos de violência. À medida que mais meninas e mulheres encontram coragem e acolhimento para falar das violências em sua vida e, assim, identificar o contexto no qual, quando crianças, foram feridas, poderão nomear o legado venenoso desses relatos de histórias e fazer algo por si mesmas e pelo Outro a partir desse saber compartilhado. Uma parte da Campanha #NÃOSECALE destaca as dores e sofrimentos, mas, também, apresenta uma celebração pela possibilidade de uma nova existência que está se criando a partir da linguagem. A Campanha #NÃOSECALE age como um ambiente de compartilhamento, de interpelação, de interlocução.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Alguns pesquisadores lecionam que uma pesquisa não pode se dar por encerrada, pois ela não tem fim, não pode ser esgotada. Assim, até aqui este artigo revela-nos que os casos de Tina, Jennyffer, Keka e Dani expõem nosso compromisso ético-político com as novas gerações: a criança foi submetida ao poder simbólico, afetivo e também físico dos adultos e, ao mesmo tempo, à vulnerabilidade da natureza infantil (infante) diante daquilo que não sabe, porque ainda não dispunha de aparatos para esta compreensão.

Infelizmente, as circunstâncias vividas por Tina, Jennyffer, Keka e Dani em parte de sua infância, representam um exemplo das condições em que muitas crianças se encontram: desamparo, silenciamento e negligência. Seus relatos de história são mais comuns do que se possa imaginar, independente de classe social, cor, tipo de cabelo, altura e estrutura familiar, isso porque a violência sexual em relação aos corpos não é algo vinculado exclusivamente à posição financeira e a outros aspectos destacados, mas, principalmente, à cultura brasileira, que alimenta um imaginário de desigualdade, de objetificação e de posse dos corpos.

Ao analisarmos como a Campanha #NÃOSECALE, do Instituto Liberta, opera em relação às violências corporais e sexuais infantis, destacamos a proteção das infâncias a partir do reconhecimento, da politização e da discussão de modo público. Diante disso, salientamos que as campanhas contribuíram para o debate acerca das violências corporais e

CORPOS E PALAVRAS FERIDAS: A CAMPANHA #NÃOSECALE NA LUTA CONTRA VIOLÊNCIAS CORPORAIS E SEXUAIS INFANTIS

sexuais na esfera pública. Assim, as violências, que estavam relegadas ao âmbito privado – e, assim, silenciadas –, são, pouco a pouco, expostas e cada vez mais deslocadas para a esfera pública, conectadas, sobretudo, a partir das mídias digitais, nas quais a campanha opera. Dessa forma, o reconhecimento das violências corporais e sexuais contribui para discuti-las de maneira pública, facilitando sua revelação e notificação, o que altera profundamente as referências educativas que se pode construir.

REFERÊNCIAS

ANTUNES, Talitha. Inocência roubada. In: PAES, Elissélia Keila Ramos Leão (org.). *Poesias multiplicadores do bem: prevenindo a violência contra crianças e adolescentes*. Nova Xavantina, MT: Pantanal Editora, 2020. p. 41. Disponível em: <https://www.editorapantanal.com.br/ebooks/2020/poesias-multiplicadores-do-bem-prevenindo-a-violencia-contra-criancas-e-adolescentes/ebook.pdf>

BRASIL. Lei nº 13.010, de 26 de junho de 2014. Dispõe sobre o direito de crianças e adolescentes a serem educados e cuidados sem o uso de castigos físicos ou de tratamento cruel ou degradante. *Diário Oficial da União*, Brasília, DF, 27 jun. 2014. Disponível em: https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2011-2014/2014/lei/l13010.htm. Acesso em: 14 ago. 2023.

BRASIL. Lei nº 14.432, de 3 de agosto de 2022. *Diário Oficial da União*, Brasília, DF, 3 ago. 2022. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_Ato2019-2022/2022/Lei/L14432.htm. Acesso em: 16 out. 2022.

BRASIL. [Constituição]. *Constituição da República Federativa do Brasil*. 1988. Disponível em: https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/constituicao/constituicao.htm. Acesso em: 15 fev. 2023.

BUTLER, Judith. *A força da não violência*. Tradução Heci Regina Candiani. São Paulo: Boitempo, 2021.

BUTLER, Judith. *Vida precária: os poderes do luto e da violência*. Tradução Andreas Lieber. Belo Horizonte: Autêntica, 2019.

CASTELLS, Manuel. *Communication power*. UK: Oxford University Press, 2013.

DAS, Veena. *Vida e palavras: a violência e sua descida ao ordinário*. Tradução Bruno Gambarotto. São Paulo: Editora Unifesp, 2020. 312 p.

DEL PRIORE, M. Apresentação. In: DEL PRIORE, M. (org.). *História das crianças no Brasil*. São Paulo: Contexto, 2000.

**CORPOS E PALAVRAS FERIDAS: A CAMPANHA #NÃOSECALE NA LUTA CONTRA
VIOLÊNCIAS CORPORAIS E SEXUAIS INFANTIS**

FÓRUM BRASILEIRO DE SEGURANÇA PÚBLICA. *Anuário Brasileiro de Segurança Pública*. 14. ed. 2020. Disponível em <https://forumseguranca.org.br/wp-content/uploads/2020/10/anuario-14-2020-v1-interativo.pdf>. Acesso em: 19 set. 2021.

FÓRUM BRASILEIRO DE SEGURANÇA PÚBLICA. *Anuário Brasileiro de Segurança Pública*. 15. ed. 2021. Disponível em: <https://forumseguranca.org.br/wp-content/uploads/2021/07/anuario-2021-completo-v6-bx.pdf>. Acesso em: 12 set. 2021.

FÓRUM BRASILEIRO DE SEGURANÇA PÚBLICA. *Anuário Brasileiro de Segurança Pública*. 17. ed. 2023. Disponível em: https://www.forumseguranca.org.br/wp-content/uploads/2019/10/Anuario-2019-FINAL_21.10.19.pdf. Acesso em: 28 ago. 2023.

FÓRUM BRASILEIRO DE SEGURANÇA PÚBLICA. *Anuário Brasileiro de Segurança Pública*. 16. ed. 2022. Disponível em: <https://forumseguranca.org.br/wp-content/uploads/2022/06/anuario-2022.pdf?v=4>. Acesso em: 28 jul. 2022.

FOUCAULT, Michel. *A ordem do discurso*. São Paulo: Edições Loyola, 2015.

FOUCAULT, Michel. *Ditos e escritos: ética, sexualidade, política*. Org. Manoel Barros da Motta. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2004.

HOLLANDA, H. B. de (org.). *Explosão feminista: arte, cultura, política e universidade*. São Paulo: Companhia das Letras, 2018.

HOOKS, bell. *O feminismo é para todo mundo: políticas arrebatadoras*. Rio de Janeiro: Rosa dos Tempos, 2022.

HOOKS, bell. *Erguer a voz: pensar como feminista, pensar como negra*. São Paulo: Editora Elefante, 2019.

HUTUKARA ASSOCIAÇÃO YANOMAMI. *Relatório*. Associação Wanasseduume Ye'kwana. Yanomami sob ataque: garimpo ilegal na terra indígena Yanomami e propostas para combatê-lo. São Paulo: Instituto Socioambiental, 2022. Disponível em: <https://acervo.socioambiental.org/sites/default/files/documents/yal00067.pdf>. Acesso em: 19 abr. 2023.

INSTITUTO LIBERTA. #NÃOSECALE. *Cabeçalho do site online*. 2021. Disponível em: https://liberta.org.br/?gad_source=1&gclid=Cj0KCQjw0Oq2BhCCARIsAA5hubXC73yT21fc5O-8aCaKhLREmv48XD-CIcQxeC9Nns-G2lqajX3do-EaAtlNEALw_wcB. Acesso em: 7 out. 2021.

INSTITUTO LIBERTA. “*Se sua irmã dormir comigo, te dou ouro*”: o assédio contra Yanomamis. Post no Instagram. 30 jan. 2023a. Disponível em: <https://www.instagram.com/p/CoCxChoObQh/>. Acesso em: 7 jul. 2023.

INSTITUTO LIBERTA. *Para prevenção, informação*. Não há limite de idade para uma conversa. Post no Instagram. 12 maio 2023b. Disponível em:

**CORPOS E PALAVRAS FERIDAS: A CAMPANHA #NÃOSECALE NA LUTA CONTRA
VIOLÊNCIAS CORPORAIS E SEXUAIS INFANTIS**

<https://www.instagram.com/p/CsJbnr5uBkt/?igsh=ODFuaHVsdDliZnU5>. Acesso em: 7 jul. 2023.

MUNIZ, Anderson. *Compartilho da sua dor*. 2012. Disponível em: <https://www.recantodasletras.com.br/poesiasdetristeza/3799511>

RAGO, Margareth. *A mulher brasileira nos espaços público e privado*. São Paulo: Editora Fundação Perseu Abramo, 2004.

RIBEIRO, Djamila. *O que é lugar de fala*. São Paulo: Editora Jandaíra, 2021.

RECUERO, Raquel; BASTOS, Marco; ZAGO, Gabriela. *Análise de redes para mídia social*. 1. ed. Porto Alegre: Sulina, 2018.

ROSE, Gillian. *Visual methodologies: an introduction to the interpretation of visual materials*. 5. ed. Londres: Sage Publications, 2001.

SCHWENGBER, Maria Simone Vione. O uso das imagens como recurso metodológico. In: MEYER, Dagmar Estermann; PARAÍSO, Marlucy Alves. *Metodologias de pesquisas pós-críticas em educação*. Belo Horizonte: Mazza Edições, 2012. V. 2.

SECRETARIA NACIONAL DOS DIREITOS DA CRIANÇA. Relatos apontam 30 casos de jovens Yanomami grávidas de garimpeiros. *Agência Brasil*, Brasília, 2023. Disponível em: <https://agenciabrasil.ebc.com.br/direitos-humanos/noticia/2023-02/relatos-apontam-30-casos-de-jovens-yanomami-gravidas-de-garimpeiros>. Acesso em: 17 mar. 2026.

SOLNIT, Rebecca. *A mãe de todas as perguntas: reflexões sobre os novos feminismos*. São Paulo: Companhia das Letras, 2017.

Autor correspondente:

Joice Andressa Fritz Drefs

Universidade Regional do Noroeste do Estado do Rio Grande do Sul – Unijuí

Rua do Comércio, Nº 3000 – Bairro Universitario – Ijuí/RS, Brasil. CEP 98700-000

joicedrefs@gmail.com

Este é um artigo de acesso aberto distribuído sob os termos da licença Creative Commons.

